

2320 DORMIO

Adriana Silvestrini, Brunno Toledo
Pereira, Camila Montagner Fama,
Carolina Carretin, Clarissa Reche,
Cristiana de Oliveira Gonzalez, Daniela
Manica, Fernando Monteiro Camargo,
Jacqueline de Campos Medeiros, Kris H.
Oliveira, Marina Bohnenberger, Milena
Peres, Violeta Assumpção da Cunha



labyrinth

www.labyrintho.labjor.unicamp.br



1. ESFERAS

Tenho o hábito, antes de dormir, de acessar as memórias dos povos que viviam nas florestas. Me faz sonhar com conversas inusitadas entre rãs e árvores, flores e borboletas, rios e peixes. São encontros que permitem fugir disto que chamam de “modo mais desenvolvido de vida em comunidade”, onde formas de vida tão surpreendentes só existem em bases de dados ou parques artificiais. Se fosse possível, faria desses sonhos a minha realidade.

Em 2320, é impensável mergulhar nos rios que um dia vitalizaram aqueles povos, contaminados pelas indústrias nos últimos cinco séculos, quando não completamente secos, mortos. Também é inconcebível partilhar a própria célula com qualquer outro ser que não tenha passado pela descontaminação óptica. Viver em meio a incontáveis protocolos para higienização e contato social dentro de esferas de vidro ultrarresistentes, construídas sobre um território devastado, tem a sua beleza e o seu horror. De um lado, são incontestáveis os feitos científicos que garantiram a sobrevivência de aproximadamente cem mil de nossa espécie após as mudanças climáticas e as recorrentes pandemias. De outro, reservam a angústia de uma vida programada e ilimitada. Nem todos suportam.

Foi assim que aprendemos a cultivar a vida, após tantos séculos de banalização, de deixar morrer seres e ecossistemas inteiros, aspirando regenerações fáceis, automáticas. Enfeitiçados por pequenos prazeres, aquisições, satisfações voláteis: um celular novo, carros potentes, técnicas e processos de rejuvenescimento e embelezamento corporais. Zumbificados, aguardando uma solução satisfatória e mágica, tecnológica, que compensasse os nossos confortos, que não nos cobrasse renunciar às conquistas trazidas para a humanidade pela aceleração capitalista. Ah, se eu pudesse voltar... Diria o quanto era lindo e precioso o que já tínhamos.

Há algum tempo me questiono diariamente se resta apenas destruição sob as nossas estruturas. Por que somente alguns cientistas e oficiais são autorizados pela esfera superior a acessar o que ainda resta lá embaixo? Por que aqueles que o fizeram sem autorização nunca mais voltaram? Eu decidi ficar com esses problemas e persegui-los. Mas sendo um ciborgue de serviços essenciais, não estou programado para a ciência, tampouco para o servilismo oficial. Interessa a subversão. Então, entre ingestões de canabidiol, orações e estudos nas bases de memórias, tenho me preparado com terapias e rituais que permitem

desenvolver as habilidades necessárias para realizar movimentos conscientes nesse lugar pouco conhecido. Talvez encontre algo que ainda encante por lá.

Quanto mais conhecimento absorvo sobre os povos ancestrais, maior é o desejo de encontrá-los, a inquietação se instala, outros sonhos afloram. Não sei se a visão que tive há pouco era um deles. O que foi isto que me acometeu entre uma ingestão e outra? Algo se passava aqui mesmo na célula, começava de um jeito familiar, luzes chegando para os procedimentos de higienização, a sequência costumeira de protocolos. Logo após tudo ser limpo eu me dei conta de que, numa das extremidades da célula, havia um peixe, em péssimas condições, mas ainda estava vivo. Me desesperei. Como chegou aqui onde não há rio, nem mesmo um aquário? Era certo que morreria em pouco tempo, se eu não fizesse nada. Isso me tirava dos eixos.

Caminhei até bem perto e tomei por um impulso decidi pegá-lo. De repente, como se estivesse num sonho dentro de um sonho, fui sugado por uma força. Apesar da consciência, não tinha mais noção do meu corpo. Fui tomado de uma certa aflição, aquela de quando se perde o controle das coisas. Não sei quanto tempo fiquei nesse estado, até que

tudo ficou escuro, calmo e tinha um leve balançar. Quando consegui me recompor, havia uma nova perspectiva. Sentia uma enorme conexão com os outros seres e elementos, era como se pela primeira vez as coisas fizessem mais sentido, e agora eu era o peixe. Um ser relativamente pequeno, com muita consciência do que fazer para sobreviver naquele lugar. Apesar do tamanho, me sentia enorme e seguro porque era parte importante de um todo muito maior e complexo. Um todo profundamente conectado. Dentro daquela célula nunca tinha sentido algo nessa intensidade, ainda que compartilhássemos de memórias.

Fui tomade por outras visões em diferentes situações, tal como se dava nas memórias de akanãs – que não são bem sonhos, mas sensações híbridas que desestabilizam as fronteiras entre ficção e realidade. Numa dessas vezes fui pássaro, em outra uma grande, alta e muito velha montanha que observava, sempre do mesmo lugar, o planeta se modificando durante milhões de anos. Eu, montanha, sabia que também estava me modificando, mas meu tempo era outro. O eu, montanha, era o eu, peixe, e era, ao mesmo tempo, também eu,

ciborgue. Às vezes, sinto que viver tantas possibilidades atíça pontas soltas dentro de mim, desejando novas conexões.

A cada akanã eu sentia dor, medo e o peso de tanta destruição que recaía repetidamente sobre mim enquanto peixe, pássaro, montanha. Se aceitasse descer, seria preciso trilhar todo esse passado de destruição. Mas, ao mesmo tempo, ainda que com tanta dor, eu me sentiria no lugar certo pela primeira vez, poderia trabalhar em sua reconstrução.

Após meses de preparação e o download completo das bases cartográficas de todas as esferas, o dia da partida chegou. Numa das tardes de higienização, agarrei uma sacola e coloquei nela tudo o que necessitava para viver: duas fontes de energia e ferramentas para manutenção corporal. Mesmo sem saber se a fuga seria possível, me dirigi a uma saída localizada no parque artificial três. Então, fui interceptado por um oficial:

– É um aparelho muito singular – disse ele, percorrendo com olhar de admiração o familiar dispositivo preso no meu punho.

Nunca tive interesse por aquela pulseira, sequer recordava do momento em que comecei a usá-la. O Dormio, explicou a autoridade, é

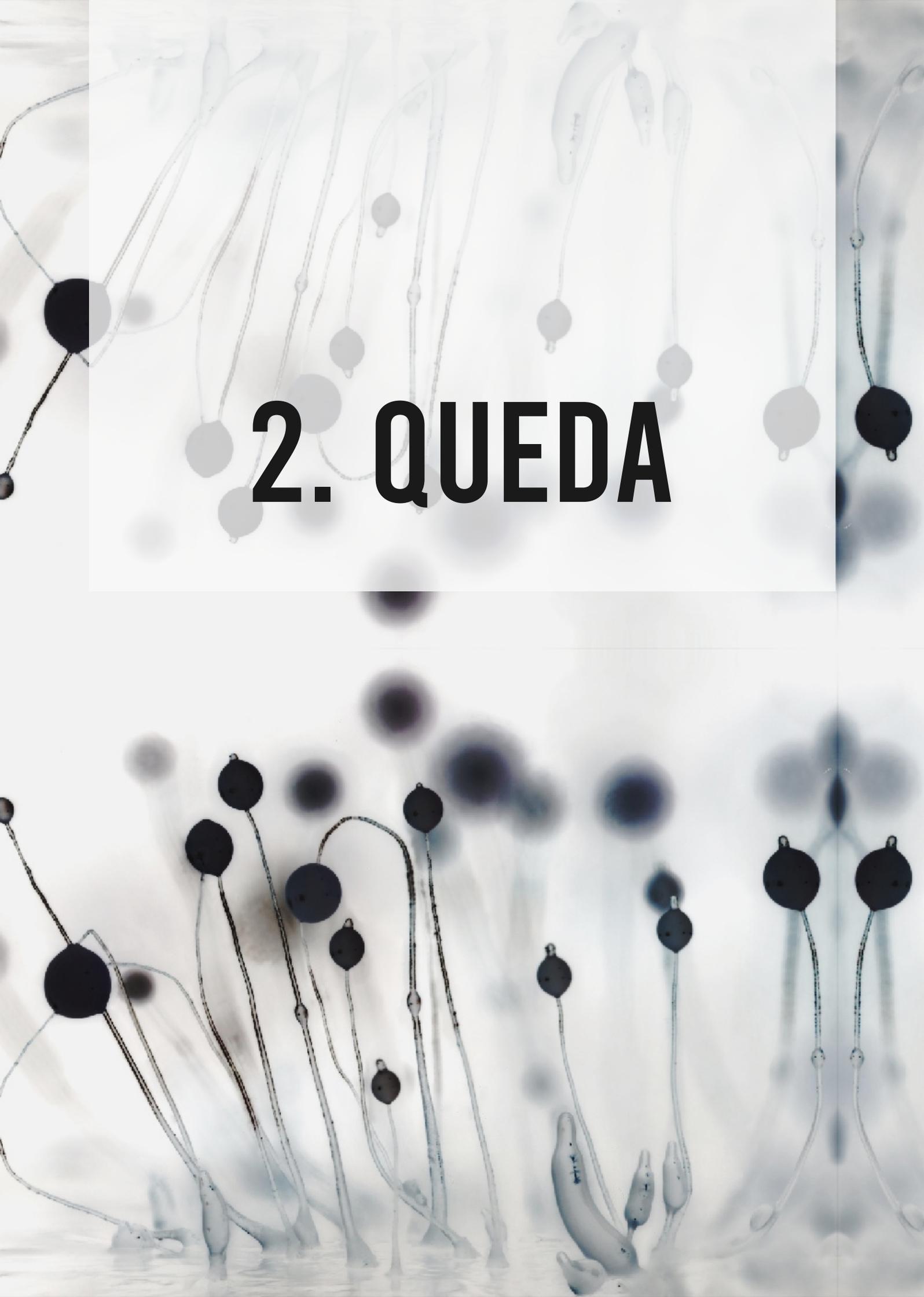
uma invenção da Primeira Era Pandêmica, uma tecnologia de vigilância do sono capaz de alterar os sonhos. O aparelho rastreia a hipnagogia, o estado entre a vigília e o descanso, e fornece sinais de áudio com base nos dados fisiológicos recebidos em momentos precisos do ciclo do sono, tornando possível direcionar o sonho. Ao acordar, o conteúdo do sonho guiado pode ser usado para completar tarefas como a escrita criativa de uma história ou a criação de obras de arte.

– Você não poderá descer. Seus sonhos têm sido valiosos para finalizar a construção do nosso Memorial da Terra – disse outro oficial que apareceu repentinamente.

Ambos começaram a tagarelar, descrever com fervor a evolução do dispositivo, os centros de pesquisa que trabalharam em seu desenvolvimento, as denominações populares. Eu não conseguia mais escutar com atenção. O sol forte atravessava as paredes de vidro, era com dificuldade que juntava meus pensamentos. Não poderei descer? Chegou a hora, chegou a hora, chegou a hora. Apertei a sacola com os dedos da mão esquerda.

– Ei, ei! O que você pensa que está fazendo? – disse o primeiro oficial.

Caminhei em direção ao fundo da sala e olhei de soslaio para o canto, o peixe morria, mas seus olhos ainda me atravessavam. Mordi os lábios, calculei os passos e a velocidade. Eu, ciborgue. Tomei impulso, corri em direção ao vidro e lancei meu corpo contra a parede translúcida da esfera, que rompeu imediatamente em estilhaços após o impacto. Eu, montanha, estremei numa dor atroz. Iniciei a queda, sentindo o ar quente socando meu rosto. Eu, pássaro, ainda vivia. Desabei tão rápido que nem percebi os objetos caindo da sacola, espalhando e desaparecendo pelo espaço. Havia perdido tudo – as fontes de energia e as ferramentas –, menos a pulseira.



2. QUEDA

Estou vive? Penso de olhos fechados apoiando meu corpo em uma superfície que não sei exatamente o que é. Abro o olho e fecho imediatamente. A luz é tão forte que minhas pupilas contraem, meu corpo cintila. Lentamente, entrevejo uma outra luz piscando na minha pulseira. São os dados da queda. Ela aconteceu em questão de segundos, mas tenho a sensação de que foi um declínio sem fim. O filme inteiro da minha vida foi projetado enquanto desabava, mas agora só lembro de alguns fragmentos de minha história. É muito estranho. Sinto-me como se estivesse apagando, morrendo devagar para renascer de novo.

Enquanto tento entender o que está acontecendo comigo, ouço murmúrios. São trocas eletromagnéticas? É impossível compreender. Sinto o calor em volta de meu corpo. Algo toca em meu ombro. Outro ser rasteja e encosta em uma de minhas pernas, sinto o casco duro e alguns espinhos, mas não sinto aflição. Observo vindo em minha direção algo que não sei identificar. Sem perceber, de repente, ao meu lado surge um outro que associo a mim. Os olhos brilham em minha direção. Me sinto leve.

– Os oficiais estão aqui? – pergunto. Permaneço sem respostas. Continuo sentindo os toques e todas as estranhas sensações.

Ventos sopravam. Eu nunca havia estado, assim, em um ambiente aberto. Nunca havia sentido a brisa bater em meus cabelos, esfriar a minha pele. Havia paisagens rochosas, mares infinitos, seres pequeninos que caminhavam em meio a gigantescas árvores azuis. Liberdade. Quando volto meu olhar novamente para manter contato com aqueles seres, escuto um apito estridente – ele vem do meu Dormio. Penso ser algum oficial que me encontrou. Estou confuso, não sei o que fazer no momento. Penso em me desfazer do acessório. Mas tenho receio, já que foi o único objeto que restou da queda.

Os seres que estavam a minha volta, ao notarem o meu estado de confusão, se aproximaram novamente; pareciam saber o que estava passando. Pareciam saber o que estava sentindo. Estranho essa conexão. Nunca havia experimentado essa sensação de não estar só. Ela se difunde em gestos, toques e olhares. Nas esferas, meu corpo era uma mera peça nas mãos das autoridades. Algo, então, voltava a me tocar.

Com os olhos mais adaptados, consegui observar detalhadamente aquele ser com mais calma. Ele não possuía boca, seu olhar era forte e marcante. Tocou minhas mãos com leveza. Soltou novamente. E com leves movimentos no ar, começou a manipular o vento. Pude compreender um canto, que entoava: “Desperte! Sua vida começa agora!”. Fiquei sem reação. Neste exato momento, outro apito tocou no Dormio. Percebi então que, como eu, os seres daquele lugar também não gostavam do acessório em meu braço.

Nesse ambiente desconhecido, sentindo a superfície que me tocava, decidi me debruçar para ver o movimento e os fluxos da vida que me rodeavam. Diante desse gesto, uma memória quase que involuntária foi acionada. É como se a memória afetiva do lugar voltasse para mim graças ao movimento de meu corpo. Evocar a minha memória e seus fantasmas foi como dialogar e disputar outras histórias e outros lugares coletivos. Transbordar naqueles mundos-outros-transbordados. O olhar distanciado separa o objeto olhado do olho que o olha. Olhando de lá de cima, era como se tudo boiasse numa espécie de éter. Debruçade agora, estou diante da imaginação à espera de

qualquer coisa. Estou disposto, emaranhado sobre o composto de seres, num movimento permanente de desbordar.

Durante todos esses anos de confinamento nas esferas tive tempo suficiente para aprender a construir relações com dispositivos fantasmagóricos, sobreviventes, como eu. Por tantos anos imaginei o que encontraria aqui. Pensar em quem eu seria aqui me fez desejar tantos encontros. Agora sinto que tentei desesperadamente criar esse lugar para não o encontrar. Não o encontrar como ele é, concretamente. O que são essas imagens que surgem e desaparecem, que me dizem para despertar, sem que eu ao menos perceba que estive dormindo? O Dormio que grita em meu punho é a marca de meu antigo eu, que se despedaça. É a marca do desespero que sinto em me despossuir de mim mesmo, dos meus ideais e da minha ambiciosa ideia de encontrar aqui minha completude com um passado fantástico.

Em meio a tantos devaneios, mal notei o tempo passar. A umidade do ar havia piorado e começava a esfriar muito rápido, eu precisava encontrar um lugar para me abrigar, estava cansado. Enquanto andava percebi que, conforme ia escurecendo, os seres que tinha visto mais cedo aos poucos desapareciam, parecendo se esconder.

Não durou muito e logo estava tudo escuro. O frio só aumentava. Me dei conta de que não recordava de ter experimentado uma temperatura assim.

A essa altura já não conseguia ver muita coisa à minha volta, com exceção de alguns pontos de luz que começaram a surgir no chão. A princípio, achei que estivessem se movendo, mas, na verdade, suas luzes acendiam e apagavam, enquanto inflavam e murchavam. O tom meio rosado fazia aquelas coisas parecerem pulmões presos no chão e, à medida em que se enchiam e esvaziavam, emitiam um som leve e grave, que parecia vir de um túnel profundo, de dentro da terra. De maneira alternada, tinha certeza de que estavam se comunicando, respondendo uns aos outros. Mais e mais desses seres iam surgindo, e mais alto era o som. Eu estava num campo de pulmões fosforescentes.

Percebi que a pulseira em meu braço também acendia e apagava, no mesmo ritmo que aqueles seres. Até que, como numa enorme explosão, todos eles se acenderam de uma só vez, num enorme clarão e em um único som, forte e muito alto. Não era apenas o som, havia uma vibração que começou a tomar todo meu corpo, peça por peça, vibrando como se tudo quisesse se desprender e se enfiar naquele chão

seco. Eu não tinha o que fazer, então, me entreguei imaginando que aquele seria o meu final, seria este o segredo daqueles que não retornavam? Lembrei daquela sensação de perda de controle, na primeira vez em que vi o peixe. Lembrei da vida na célula, do que fui buscar ali e sabia agora que nada daquilo era um sonho.

Fechei os olhos esperando que o mundo se acalmasse, esperando algo acontecer. E então, o som que vinha dos pulmões colados no chão foi dando lugar ao som de milhares de vozes, como se uma multidão estivesse ao meu redor. Abri os olhos e, para minha surpresa, eu continuava ali, no mesmo lugar. Ainda que não pudesse ver muita coisa, tão forte era a luz, agora podia ouvir todas aquelas vozes ao mesmo tempo. Algumas delas pareciam saber o que estava acontecendo comigo, pareciam conseguir ler meus pensamentos e eu, os delas, e transmitiam algo como: “Não tenha medo, somos nós!”. Fui me acalmando e entendendo, era possível sentir, estávamos em rede, eu também me tornava um nó. Mas quem eram elas? De onde vinham?

Fechei os olhos novamente e fui tomade por uma sensação de confusão sobre as decisões que tomei desde que resolvi descer. Pegar a sacola, encher com coisas que agora eu já nem me lembrava quais eram

e me deixar conectar com tudo que encontrei após a queda. Sempre que me concentrava nas vozes que pareciam me ouvir, me ver e me entender, eu sentia que ficaria bem. Mas o Dormio em meu punho trouxe um desespero que me tomou de pânico e aflição por alguns segundos. Olhos e punhos apertados. Por um momento, desejei voltar. Desejei estar na segurança do lugar conhecido e quase me arrependi de estar ali. Quase.

As sensações reveladas nesta descida desobediente parecem recobrar um passado desconhecido, e ao mesmo tempo diluem o futuro neste momento presente em que volto a habitar o território que estava sob nós. Olho para o Dormio, no meu punho. Corpos que não são meu corpo e cujos movimentos me fazem respirar junte. O que eu sabia? Que mundo minha posição denuncia? Sinto medo de pensar sobre isso. Medo de estar nesse lugar, de ter de justificar minha fuga e a queda, medo do que vai acontecer. Mas balançar na cadência daquele emaranhamento coletivo dissolve as minhas perguntas, inverte os termos.

Volto a pensar no antes, mas como uma forma de seguir adiante. Me acostumei a perseguir lugares que não estão lá quando chego.

Inquieto-me por estar carregando este dispositivo no punho. Ele denuncia que sou uma complete estranhe nessa rede. Ainda posso ser acolhido por ela? Se nada me acontecer, se eu puder retornar, sob que condições isso se daria? O que eu levaria daqui, e o que estou trazendo de lá? Então, percebo que não estou exatamente em nenhum desses dois lugares, e esse lugar transitório me dá potência para agir. Estar no “entre”. Sou significadore dos deslocamentos. Meu corpo é uma verdadeira multidão encarregada de transportar as coisas. Por isso, às vezes, imagino que estou em uma viagem infinita, e alguém me diz: “Pode dormir, ainda falta muito para o seu destino”. Experimento o medo de encerrar minha viagem sem saber o que vem depois, e sem ter tido ainda a chance de contar o que vi.

CRÉDITOS

Autoria: Adriana Silvestrini, Brunno Toledo Pereira, Camila Montagner Fama, Cristiana de Oliveira Gonzalez, Daniela Manica, Fernando Monteiro Camargo, Jacqueline de Campos Medeiros, Kris H. Oliveira, Marina Bohnenberger, Milena Peres, Violeta Assumpção da Cunha.

Edição: Kris H. Oliveira, Daniela Manica.

Ilustrações: Clarissa Reche, Laura Lino.

Diagramação: Clarissa Reche.

Narração do áudio: Adriana Silvestrini, Carolina Carretin, Jacqueline de Campos Medeiros.

Edição do áudio e paisagem sonora: Clarissa Reche, Milena Peres, Violeta Assumpção da Cunha.

2320 Dormio é resultado de uma oficina de escrita criativa coletiva, feita durante o segundo semestre de 2020 nos encontros do Labirinto - Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida, Labjor-Unicamp. Saiba mais em: www.labirinto.labjor.unicamp.br.

